

MACUNAÍMA: A (DES)CONSTRUÇÃO DE UM HERÓI

Fábio de Sousa Dantas - UFPB

Introdução

São largas as discussões acerca das transformações ocorridas quanto à posição do herói na Literatura Moderna. No ensaio “O idealismo abstrato” (LUKÁCS, 1962), Georg Lukács analisa o personagem problemático que se apresenta desde os primeiros romances, a exemplo de *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. A caracterização do idealismo abstrato dar-se através da entrega do personagem aos hábitos demoníacos: inclinação à aventura, relação de fracasso nas suas empreitadas, bem como o despreendimento das forças divinas junto ao destino do herói. Já nos poemas homéricos, homens e deuses eram correlacionados, de modo que se encontrava humanidade nas entidades divinas.

Lukács (1999), tratando acerca da correspondência entre o gênero romance e os ideais da burguesia, mostra a ruptura existente entre a noção de herói dos romances e o personagem-modelo da epopéia clássica. Enquanto este servia de referência heróica para a sociedade, ou seja, era movido por ações coletivizadas, o herói do romance vai ser reflexo do senso de individualidade, carregado por vicissitudes pessoais. Ainda que o romance fosse entendido como uma tentativa de representar a sociedade burguesa, semelhante ao que significou a epopéia para a antiguidade clássica, sua forma não permite a concretização de tal objetivo, pois, o modelo da estrutura social burguesa invalida qualquer projeto estético que tenha representatividade social. A sociedade em si exclui qualquer ideal de coletividade, visto que se instaura um individualismo intransponível.

Arturo Gouveia, na primeira parte do seu ensaio “A epopéia negativa do século XX” (GOUVEIA, 2004), desenvolve o conceito de “epopéia negativa”, criado por Adorno, de modo a analisar a decadência do herói nas narrativas do século XX, sob o ponto de vista da ação. Ao contrário do herói da epopéia clássica, que era modelo, o herói das vanguardas¹ distancia-se do ideal de coletividade, de modo a decair por conta de sua essência negativa. Assim, tomamos contato com um anti-herói fadado a não alcançar os seus objetivos.

Centraremos nossa atenção à personagem Macunaíma, de Mário de Andrade, sob a idéia de que o “herói sem nenhum caráter” copia a desconstrução daquela imagem de herói concebida nas epopéias clássicas, ao mesmo tempo em que, dialeticamente, representa a afirmação do herói moderno, ou *anti-herói*. A partir do conceito de herói, sugerido por Junito de Souza Brandão, em seu ensaio “Introdução ao mito dos heróis” (BRANDÃO, 1989), serão observados alguns pontos de distanciamento entre o personagem-modelo da epopéia e Macunaíma, sobretudo, no que tange a categoria da ação. A preguiça, representada em Macunaíma pela sua contínua indisposição para o trabalho, será vista aqui como uma premissa fundamental na compreensão dessa ruptura do conceito de herói.

Um segundo tópico será construído a fim de relacionar essa entrega da personagem de Mário de Andrade às práticas ociosas com as propostas que alicerçaram a estética moderna, e, por conseguinte, transformaram a concepção do herói na literatura do século XX. Além dos referidos teóricos, Marina Pacheco Jordão embasará nossa proposta no esclarecimento do conceito de ócio, manifestado em Macunaíma através do seu constante estado de preguiça. Seu ensaio “A preguiça – um novo feixe de encontros”, extraído do livro *Macunaíma gingando entre contradições* (JORDÃO, 2000), nos trará uma breve reflexão do ócio em *Macunaíma*. Verificaremos a preguiça como impulsionadora de seu individualismo, que desencadeará um despreendimento da noção de representatividade social, culminando assim, nessa tentativa de esboçar Macunaíma como uma “desconstrução” do herói épico, e, ao mesmo tempo, a “construção” de um herói moderno.

1 Um épico distante

Em primeira instância, reconheçamos uma primeira característica do herói apresentado nas epopéias gregas: a posição de caráter elevado. Werner Jaeger, em seus ensaios “Cultura e educação da

¹ A expressão está relacionada à influência que as personagens protagonistas dos romances do século XX tiveram das chamadas *Vanguardas Europeias*, que, nas palavras de Gilberto Mendonça Teles, em seu *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro* (1986), atribui às vanguardas as mudanças de crenças experimentadas no pensamento e na arte do mundo ocidental, tais como: agressividade, antilogicismo, valores estranhos, poderes mágicos, a beleza da anarquia, o estantaneísmo (TELES, 1986, p. 82).

nobreza homérica” e “Homero como educador”(JAEGER, 1994), bem destaca a representatividade que tinha os heróis de Homero como espelhos a serem seguidos pela sociedade. O princípio educativo aparece na intenção do poeta em exibir uma inclinação moralizante, sendo esta contextualizada através dos hábitos da nobreza. Na *Odisséia*, por exemplo, temos os pretendentes, que, de forma oportuna, se aproveitam da longa ausência do rei de Ítaca, Ulisses, e cobiçam o seu trono, bem como o leito de sua esposa Penélope. Agridem, portanto, os hábitos da nobreza, e são severamente castigados.

O herói épico, além de portar-se como um cavaleiro dotado de alta coragem, é também de fino trato nas suas expressões e tem inclinação evidente à cultura, sendo equiparado a um poeta. Desta forma, o leitor da epopéia instruía-se, à medida que tomava contato com aqueles costumes pautados na honra e no cavalheirismo. A épica atua como “instrumento de graça divina” (Ibidem, p. 55), pois mostra as inclinações naturais do herói. Jaeger lembra-nos, por exemplo, de Telêmaco, que alcança a consagração heróica por ouvir os mais experientes, por ter prudência diante de ações repentinas e por agir de forma equilibrada – ou seja, suas ações são todas voltadas para um objetivo comum: trazer Ulisses, seu pai, de volta ao posto que lhe foi conferido por vontade dos deuses.

A idéia de caráter elevado é logo rompida pelas desastrosas ações de Macunaíma, pois o herói conserva uma mentalidade infantil. No capítulo II (“Maioridade”), a cutia joga água envenenada da lavagem da mandioca para o herói crescer, mas ele, astuto, desvia-se, a água só lhe banha o corpo, e “a cabeça não molhada ficou pra sempre rombuda e com carinha enjoativa de piá.” (ANDRADE, 2001, p. 21)

Coragem é fator que não se pode esperar desse herói. Recordemos o episódio presente no capítulo “Boiúna Luna” (Ibidem, p. 34), em que Naipi, a cachoeira, conta-lhe a sua triste história de amor com Titçatê. Este é transformado numa planta pela Boiúna Capei, e, por isso, Naipi chora sem trégua com saudades do amado. Macunaíma, aparentemente sensibilizado com aquele penar, arma-se de coragem, e diz que vai enfrentar a malvada Capei. Quando esta surge, Macunaíma trava duelo. Por sorte, é salvo por uma formiga, que lhe pica o calcanhar, e livra-lhe da calda de Capei. O golpe é desferido nela mesma, e, então, Macunaíma aproveita para atirar-lhe um rochedo, decependo-lhe a cabeça. Esta o persegue, por agora se considerar escrava de Macunaíma, mas o herói, tomado pelo medo, corre em desespero.

As traquinagens de Macunaíma são ampliadas quando ele deixa a sua consciência na ilha de Marapatá. Disposto a tudo fazer para recuperar a sua muiraquitã, Macunaíma planeja derrotar Venceslau Pietro Pietra, que, segundo um passarinho uirapuru, era o detentor da pedra que representava a única lembrança de sua amada Ci. Macunaíma desconhece os conselhos de seu irmão mais velho, e por isso morre mais de uma vez:

— Olha, si algum passo cantar não secunda não, mano, sinão, adeus minhas encomendas!
 O herói mexeu a cabeça que sim. (...) Venceslau Pietro Pietra era gigante Piaimã comedor de gente. Chegou na porta de casa e cantou feito pássaro:
 — Ogoró! ogoró! ogoró!
 Parecendo muito longe. Macunaíma secundou logo:
 — Ogoró! ogoró! ogoró!
 Maanape sabia do perigo e murmurou:
 — Esconde, mano!
 O herói escondeu por detrás do zaiacúti entre a caça morta e as formigas. Então gigante veio.
 — Quem que secundou?
 Maanape respondeu:
 — Sei não.
 (...)
 — Daí o gigante falou:
 — Foi gente. Me mostra quem era.
 Maanape jogou um macaco morto. Piaimã engoliu-o e continuou:
 — Foi gente. Me mostra quem era.
 Então enxergou o dedo mindinho do herói escondido e atirou um baníni na direção. Se ouviu um grito gemido comprido, juuúque! E Macunaíma agachou com a flecha enterrada no coração. (...) (ANDRADE, 2001, p. 44-45)

A falta de prudência do herói, por não ouvir os conselhos de seu irmão, que o prevenia do perigo a todo o tempo, ocasionou a vacilante morte. Percebe-se a distância daquele comportamento obediente que o

herói épico seguia. Macunaíma age à sua maneira espontânea e egoísta, sem se importar com as consequências negativas que podem surgir.

A glória, o louvor e a imitação dos heróis são objetivos da poesia épica. Daí o seu princípio educativo, como nos diz Jaeger (1994, p. 67). Em nome da máxima glória, Aquiles rumo à Tróia, mesmo sabendo que tem como destino a morte prematura. Macunaíma, do contrário, não pode representar o exemplo de um vencedor, ou seja, este herói não é destinado à glória. Como já não bastasse o sofrimento de ter perdido o seu único filho, envenenado após ter mamado no seio de sua mãe, que, em noite anterior, tinha sido sugado pela cobra preta, Macunaíma perde também a sua amada Ci². A muiraquitã, presente de Ci dado a Macunaíma antes de morrer, torna-se a sua única lembrança. A inglória de Macunaíma será ainda maior, portanto, com a perda da muiraquitã, que, causará a sua ida para São Paulo. Vejamos algumas passagens desastrosas em que Macunaíma angustia derrotas, junto dos irmãos, em virtude da busca pela muiraquitã.

Chegando à Grande São Paulo (capítulo V – “Piaimã”), o herói contrai doenças venéreas ao tomar contato com a noite paulistana – “Estava com a boca cheia de sapinhos por causa daquela primeira noite de amor paulistano”³; Macunaíma logo se contraria quando toma conhecimento de que a moeda da sua tribo, o cacau, não tinha validade na cidade; conhece a máquina, e decepiona-se ao ver a dependência dos homens:

Macunaíma passou então uma semana sem comer nem brincar só maquinando nas brigas sem vitória dos filhos da mandioca com a Máquina. A Máquina era quem matava os homens porém os homens é que mandavam na Máquina... Constatou pasmo que os filhos da mandioca eram donos sem mistério e sem força da máquina sem mistério sem querer sem fastio, incapaz de explicar as infelicidades por si. (ANDRADE, 2001, p. 43)

Esse capítulo sintetiza o infortúnio do herói com a sua primeira morte, já aqui descrita. No capítulo VI (“A Francesa e o Gigante”), Macunaíma investe mais uma vez no resgate da muiraquitã, e disfarça-se de francesa para seduzir Venceslau. Descoberto o truque, o gigante trava uma longa perseguição ao herói, percorrendo os limites geográficos do Brasil:

(...) Passaram lá rente à Ponta do Calabouço, tomaram rumo de Guajará Mirim e voltaram pra leste. Em Itamaracá Macunaíma passou um pouco folgado e teve tempo de comer uma dúzia de manga-jasmim que nasceu do corpo de Dona Sancha, dizem. Rumaram pra sudoeste e nas alturas de Barbacena o fugitivo avistou uma vaca no alto duma ladeira calçada com pedras pontudas. (...) Atravessando o Paraná já de volta dos pampas bem que ele queria trepar numa daquelas árvores porém os latidos estavam na cola dele (ANDRADE, 2001, p. 54)

Temos uma sucessão de acontecimentos distanciados de ações honrosas, longe dos paradigmas do herói da epopéia clássica, pois Macunaíma não é inclinado ao combate; nas várias ocasiões em que é incitado a lutar, seja com o Currupira⁴, Capei, os policiais⁵, Ceiuci⁶, seja com Oibê⁷, o herói sempre se acovarda. O gigante Piaimã, com quem Macunaíma chega até a se preparar para combater⁸, é morto numa circunstância que lembra uma brincadeira infantil. Piaimã, conduzindo Macunaíma no buraco de sua orelha, mostra um balanço feito de cipó de japecanga e cheio de espinhos; abaixo do balanço, tinha um tacho de

² ANDRADE, 2001, p. 29. Ci, desgostosa com a morte do filho, sobe ao céu de cipó e transforma-se na estrela Beta do Centauro.

³ Ibidem, p. 43.

⁴ ANDRADE, 2001, p. 20. Macunaíma fora abandonado por sua mãe no deserto, para que não mais fizesse besteiras. Encontra-se com Currupira, e este lhe cede um pedaço de sua perna para Macunaíma saciar sua fome, porém, Currupira tinha a intenção de devorar o herói: ensina um caminho errado, e persegue-o. Macunaíma só se viu livre depois que vomitou o pedaço da perna que tinha comido.

⁵ Ibidem, p. 94. Macunaíma mente para os irmãos e o povo, dizendo que havia encontrado “rasto fresco de tapir” em frente à bolsa de valores. Instaurada a confusão, os policiais (grilos) querem prendê-lo, mas, no fim, Macunaíma consegue fugir de bonde.

⁶ ANDRADE, 2001, p. 100. Ceiuci era a esposa do gigante Piaimã. Macunaíma é fisgado por ela às margens do rio Tietê, e conduzido para a sua casa. Lá, Macunaíma consegue ajuda da filha mais nova de Ceiuci, que se apaixona pelo herói. Quando a velha descobre que ele estava trancado no quarto, dá início a uma longa perseguição, que, a cavalo, percorre todo o Brasil, passando até por Mendonza, na Argentina.

⁷ Ibidem, p. 137. Oibê, que já tinha fartado Macunaíma com muita comida, chateia-se quando soube que o herói comera a sua pacuera. Vai então imitar uma assombração para pregar susto em Macunaíma, e este foge de medo. Oibê não tinha intenção de matá-lo, queria somente brincar, mas o herói não compreende isso, e foge desesperado.

⁸ Macunaíma, julgando não ter forças suficientes para vencer o gigante, vai treinar no “mato Fulano”, onde corre “légua e meia” e arranca “sapopemba do tamanho dum bonde”. (ANDRADE, 2001, p. 121).

macarrão fervendo, e Piaimã intencionava balançar o herói até derrubá-lo nesse tacho escaldante. Mas Macunaíma, fingindo não saber balançar, convence o gigante a ir primeiro:

(...) Então Venceslau Pietro Pietra amontou no cipó e Macunaíma foi balançando cada vez mais forte. (...)

Deu um arranco. Os espinhos ferraram na carne do gigante e o sangue espirrou. (...)

— Pará! Pará! Piaimã gritava.

— Balança que vos digo! Secundava Macunaíma.

Balançou até o gigante ficar bem tonto e então deu um arranco fortíssimo na japecanga. (...) Venceslau Pietro Pietra caiu no buraco berrando cantando:

— Lem lem lem... si desta escapar, nunca mais como ninguém! (...) O gigante caiu na macarronada fervendo e subiu no ar um cheiro tão forte de couro cozido que matou todos os ticoticos da cidade e o herói teve uma sapituca⁹. Piaimã se debateu muito e já estava morre-num-morre Num esforço gigantesco inda se ergue no fundo do tacho. Afastou os macarrões que corriam na cara dele, revirou os olhos pro alto, lambeu a bigodeira:

— Falta queijo! Exclamou...

E faleceu. (ANDRADE, 2001, p. 129)

Macunaíma põe fim ao seu maior inimigo, porém sem fazer uso de nenhum método planejado antecipadamente; a morte de Piaimã não possui requinte de honra, não há um “combate individual”, e sim, provém de uma brincadeira de balanço, onde venceu Macunaíma por ter mais esperteza, e não propriamente coragem. O herói de Mário de Andrade distancia-se do “qualitativo de combatente” (BRANDÃO, 1989, p. 42), especificidade que, de acordo com Junito de Souza Brandão, pertence ao herói épico.

Em *Mitologia grega* (Ibidem, 1989, p. 16), Brandão analisa a origem, as características, as funções e o servilismo empregados na figura do herói épico. Apoiando-se nas noções de alguns teóricos, como E. Rohde, H. Usener e L. R. Farnell, Brandão descreve a descendência divina desse herói. Desde os seus tenros anos, o herói já revela a sua superioridade diante dos seus companheiros, o que sugere uma predisposição para a glória. Macunaíma, longe dessa ancestralidade divinal, tem sua origem indígena sem referência alguma de paternidade; nasceu em meio ao “mato-virgem”, criado por sua mãe, à companhia dos seus dois irmãos Maanape e Jigüê:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. (...) (ANDRADE, 2001, p. 13)

O nascimento de Macunaíma não é tratado como um acontecimento prestigioso, tanto é que a sua mãe dá a luz distanciada de grandes perspectivas, isto é, não é referida nenhuma descendência divina, como ocorria entre os heróis da epopéia. Logo nos primeiros anos de vida, estes heróis iniciavam um processo educativo, que caracterizava a sua “formação iniciática”; tomavam contato com ensinamentos que fortaleceriam os seus princípios éticos, morais, filosóficos. Macunaíma, em contrapartida, revela-se desde criança muito preguiçoso e inclinado aos hábitos pueris, que vão acompanhar-lhe em toda a sua trajetória:

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! Que preguiça!...

e não dizia mais nada. (...) Vivia deitado mas se punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres saltavam gritos gozados por causa dos guiamuns diz-que habitando a água doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele para fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela (...).

Quando era pra dormir trepava no macuru pequenininho sempre esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar. (Ibidem)

⁹ No glossário do *Roteiro de Macunaíma* (1978), de Cavalcante Proença, tem-se “Sapituca”: Embriaguez rápida. Tontura, vertigem.

Esses são alguns apontamentos que desmistificam a noção de herói épico. Macunaíma ergue-se, assim, como um herói moderno, direcionado às ações individualistas, onde inexiste uma consciência coletiva conduzindo os seus objetivos. A narração em terceira pessoa está longe de se aproximar daquele narrador das epopéias, pois, qualquer parentesco mítico, por se relatar os fatos através de recursos da oralidade, denota mais uma tendência de parodiar estas narrativas.

Na tentativa de esclarecer as características que particularizam o narrador homérico e o narrador do romance moderno do século XX, Arturo Gouveia (2004, p. 69), apoiando-se em Auerbach e Lukács, traz-nos a visão de que o narrador homérico apresenta os fatos à maneira mais clara: detalhes, riqueza de exposições são difundidos por situar bem o leitor acerca de cada personagem; já o romance moderno agride tal estrutura lógica das epopéias clássicas, de modo a fornecer, no máximo, informações mínimas, promovendo interpretações abertas sobre personagens, espaços, tempos e mesmo enredo. Cavalcanti Proença (1978, p. 9) discute acerca das possibilidades variadas de se compreender o caráter ambíguo do herói, que se deve a influência do herói da cultura popular, desconhecedor da moral, liberto de preconceitos e detentor de qualidades e falhas dificilmente encontradas nas pessoas. A concentração de diversos caracteres situados em Macunaíma é apresentada com a constante alteração de sua fala¹⁰, que explora dialetos das várias regiões do Brasil. O mesmo ocorre com o mutável deslocamento espacial e temporal. Nas fugas diversas de Macunaíma, como já vimos, os espaços são percorridos descontinuados com a lógica da temporalidade; da mesma forma, o tempo de Macunaíma, quando se encontra junto à sua tribo, é diferente do tempo que demarca a sua estada em São Paulo, ou seja, o herói transmuta-se de um tempo primitivo para um tempo muito mais avançado, onde é maciço o processo de evolução industrial.

2 A preguiça e o heroísmo moderno

No ensaio “A perversão em Macunaíma” (MELO, 2001), João Camilo de Melo promove, à luz da Psicanálise, a explicação da perversidade nesta personagem. Um dos motivos que elucidaria a sua proposta seria a entrega da personagem junto aos hábitos ociosos. Não pretendemos definir o caráter de Macunaíma, como tenta João Camilo, ao enquadrá-lo na condição de perverso, mas reconhecemos a sua não representatividade social, que se amplia em virtude de sua preguiça. Recuperemos a correlação conceitual dos termos “preguiça”, “inação” e “ócio”, a partir do *Moderno dicionário da Língua Portuguesa* - Michaelis (2000):

Preguiça: “Pouca disposição para o trabalho; aversão ao trabalho; inação” (falta de ação).
 Inação: além de falta e ação, significa “frouidão de caráter”, “indecisão”.
 Ócio: 1. descanso, folga do trabalho; 2 tempo que dura essa folga; 3. lazer, vagar; 4-5 preguiça; 6 a) inatividade do espírito; b) indiferença para tudo o que é elevado e nobre.

Entendemos, então, que preguiça, ócio e inação são conceitos que se aproximam, adquirindo, em Macunaíma, funções sinonímicas. Desta maneira, a entrega do herói às práticas ociosas serve para distanciá-lo ainda mais do herói épico, que é inclinado ao servilismo, ou seja, busca sempre ajudar outras pessoas – o jovem Aquiles, em *Ifigênia em Áulis*, por exemplo, mostra-se de todo solícito para livrar Ifigênia do cruel destino: morrer pelas mãos do próprio pai, Agamémnon. Macunaíma é, em contrapartida, um herói desabituaado a praticar filantropia. No capítulo II (“Maioridade”), temos Macunaíma, sua mãe e os irmãos Maanape e Jiguê campeando atrás de comida, já que há dias passavam fome, desde que o sapo Maraguigana, em vingança à morte do seu filho boto, enviara uma enchente que destruíra todo o milharal. Macunaíma sabe como encontrar comida, mas prefere ficar com fome a saciar a necessidade de seus irmãos:

— Mãe, quem que leva nossa casa pra outra banda do rio lá no teso, quem que leva?
 Fecha os olhos um bocadinho, velha, e pergunta assim.
 A velha fez. (...) Quando a velha abriu os olhos estava lá e tinha peixes, bananeiras dando, tinha comida por demais. Então foi cortar banana.
 — Inda que mal lhe pergunte, mãe, por que a senhora arranca tanta pacova assim!
 — Levar pra vosso mano Jiguê com a linda Iriqui e pra vosso mano Maanape que estão padecendo fome.
 Macunaíma ficou muito contrariado. Maginou e disse pra velha.

¹⁰ O capítulo IX (“Carta pras Icamiabas”) reflete bem as variações expressivas da personagem, que estabelece comunicação com as mulheres da sua tribo na tentativa de conseguir dinheiro, e, para isso, procura fazer uso de uma escrita mais formal.

— Mãe, quem que leva nossa casa pra outra banda do rio lá no teso, quem que leva? Fecha os olhos um bocadinho, velha, e pergunta assim.

(...) Quando a velha abriu os olhos tudo estava no lugar de dantes (...). E todos ficaram roncando de fome outra vez. (ANDRADE, 2001, p. 18-19)

A preguiça de Macunaíma o distancia de qualquer objetivo nobre. A busca pela muiraquitã, objetivo que move as ações do herói, é uma missão de ordem estritamente individual, pois guarda uma relação de lembrança da sua amada Ci. Tanto é que a muiraquitã é perdida mais de uma vez por causa do senso de irresponsabilidade do próprio herói. Após receber o presente de Ci, Macunaíma furou o lábio inferior para colocar a muiraquitã, mas logo a perde, quando é perseguido pela cabeça da Capei. A pedra cai num rio, é engolida por um tracajá, e um mariscador que, por sua vez, caçara o réptil, vende a muiraquitã para Venceslau Pietro Pietra. Depois de ter acumulado tantos tropeços e dificuldades para resgatar a muiraquitã, o herói, displicentemente, perde a pedra pela segunda (e definitiva) vez. É no capítulo XVII (“Ursa maior”) que o herói, é atraído para brincar¹¹ com a Uiara na lagoa. Mas, a “cunhã lindíssima” era um monstro que estava ali para aplicar a vingança de Vei, a Sol, irada com Macunaíma por ele ter destrutado as suas filhas. Macunaíma sai da água mutilado e sem a sua muiraquitã. O herói envenena o lago, e vai à procura das várias partes de seu corpo nas tripas dos peixes. Só não mais encontra uma perna e a muiraquitã.

Esse capítulo marca o fim da trajetória do herói. Desde o primeiro parágrafo, é evidenciada o que se anunciou no transcorrer do enredo: a ingloria de um herói moderno. Às margens do Uraricoera, já entregue totalmente ao ócio e sem mais contar com a companhia dos irmãos, Macunaíma vê-se triste, solitário, ou seja, envolto pelo fracasso, sem perspectivas de projeção:

Macunaíma se arrastou até a tapera sem gente agora. Estava muito contrariado porque não compreendia o silêncio. Ficara defunto sem choro, no abandono completo. Os manos tinham ido-se embora transformados na cabeça esquerda do urubu-ruxana e nem sequer a gente encontrava cunhãs por ali. O silêncio principiava cochilando a beira-rio do Uraricoera. Que enfaro! E principalmente, ah!... que preguiça!... (ANDRADE, 2001, p. 151)

Temos as várias marcas do herói moderno sintetizadas em Macunaíma. Consciente de sua inutilidade, o herói decide ir para o céu, mas ainda recebe o desprezo da Lua, que tem suas crateras devido aos socos dados por Macunaíma, e de Caiuanogue, a estrela-da-manhã. Vira a constelação Ursa Maior, por causa da feitiçaria de Pauí-Pódole, e, assim, contempla a profunda solidão do universo.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*; o herói sem nenhum caráter. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

_____. *Macunaíma*; o herói sem nenhum caráter. Texto revisto por Telê Porto Ancona Lopez. 32. ed. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2001.

BRANDÃO, Junito de Souza. Introdução ao mito dos heróis. In: *Mitologia grega*; Vol. III. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. P. 15-71 (Cap. I).

GOUVEIA, Arturo. A epopéia negativa do século XX. In: _____; MELO, Anaína Clara de. *Dois ensaios frankfurtianos*. João Pessoa: Idéia, 2004. p. 11-120.

JAEGER, Werner. Cultura e educação da nobreza homérica; “Homero como educador”. In: *Paidéia*; a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 37-84.

JORDÃO, Marina Pacheco. A preguiça – um novo feixe de encontros. In: _____. *Macunaíma gingando entre contradições*. São Paulo: FAPESP, Annablume, 2000. p. 155-195.

LUKÁCS, Georg. O romance como epopéia burguesa. In: *Ensaio Ad Hominem*, n. 1. Tomo II – Música e Literatura. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999. P. 87-136.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

MELO, João Camilo de. A perversão em Macunaíma. In: *A perversão em Macunaíma*; uma abordagem psicanalítica. Novembro de 2001. Mestrado. (Literatura brasileira) – Programa de Pós-graduação em Letras,

¹¹ O verbo “brincar” tem, na obra *Macunaíma*, sentido semelhante à prática sexual. Macunaíma passa todo o tempo “brincando” com as cunhãs da tribo, com as mulheres de seu irmão Jiguê - Sofará, Iriqui e Suzi - e, principalmente com a sua amada Ci. O *Roteiro de Macunaíma* traz situações ilustrativas acerca desse verbo. (PROENÇA, 1978, p. 66).

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001. p. 62-134 (Cap. III).

PROENÇA, Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*; apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. Petrópolis: Vozes, 1986.